

O número 41 da **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo** chega aos seus leitores a partir de uma reflexão que coloca a violência dentro da história não apenas como um elemento em diálogo com outras situações, mas evidenciando o seu protagonismo. E é com base nesse entendimento que o título desta edição procura refletir sobre a violência na história de uma maneira que as integra de forma indissociável.

Em **As ruínas do reino**, Cíntia Schwantes destaca que talvez “nenhum outro local tenha tido uma escravidão tão cruel e violenta quanto o Caribe”. Trazendo como tema de discussão o romance *O reino deste mundo*, do cubano Alejo Carpentier, sob uma ótica pós-colonial, Schwantes defende que “tanto a trama histórica quanto a ficcional têm finais melancólicos em *O reino deste mundo*. Se considerarmos que o Haiti, apesar de ter sido a mais rica das colônias francesas no Caribe, apesar de ter sido o primeiro país na América Central a levar a cabo um processo de independência, chegou ao séc. XXI como o país mais pobre do continente americano, esse final não é surpreendente. Como nos mostra o romance, a independência do Haiti foi orquestrada por forças políticas diversas e dificilmente conciliáveis, e com uma medida muito grande de violência.”

Arnaldo Franco Junior discute as prisões arbitrárias cometidas em períodos ditatoriais, sendo o caso de Rubens Paiva cuja prisão foi seguida de tortura e desaparecimento forçado em 1971, durante os Anos de Chumbo da ditadura no Brasil. Assim, **O desaparecimento forçado e seus efeitos no romance *Meu pai, acabaram com ele***, de Luiz Claudio Cardoso apresenta uma análise que evidencia uma catástrofe social e simbólica ao discutir o problema do detido-desaparecido em um contexto em que explicações simples não são suficientes para entender ou acessar a lógica da opressão que se estabelece a partir dessas realidades. Uma tentativa de reflexão ocorre a partir do romance de Luiz Claudio Cardoso que “é constituído por uma narrativa híbrida – traço característico da literatura do autor – na qual mesclam-se traços do roman à clef, do depoimento pessoal, do relato testemunhal e, em menor escala, da narrativa que põe em primeiro plano, via registro da atividade mental, a subjetividade da personagem que cumpre a função de narrar.”

Natan Schmitz Kremer e Alexandre Fernandez Vaz em ***Edla van Steen e as imagens de Florianópolis na ditadura*** discutem a paisagem geográfica e cultural presente na narrativa de Edla van Steen e como essa produção se articula com a memória, trazendo a abordagem de Walter Benjamin como embasamento da leitura e análise. Kremer e Vaz destacam a tradição literária que aborda “a ditadura como suspensão da subjetividade, tendo o sexo como mecanismo narrativo. Edla diverge, é mais ambígua. Camila descobre o orgasmo ao repetir a cena de violência que a condiciona à vida que leva em Vale das Flores – aquela na qual tivera sua primeira relação sexual, com Antônio, em Florianópolis. Há algo de aniquilamento do sujeito por meio da impossibilidade da construção de objeto,

não por uma impotência marcada diretamente pelo trauma (como em Vigna e Cony), mas pela repetição da situação traumática.”

Versos encarcerados: Miguel Hernández canta a vida, o amor e a morte, de Victor André Pinheiro Cantuário, apresenta uma leitura do livro *Cancionero y romancero de ausencias*, de Miguel Hernández. A produção literária em diálogo com o contexto histórico e atuação política do escritor acaba por acessar situações entre a luta na guerra civil espanhola – de 1936 até 1939 – e a prisão por parte de um sistema ditatorial que perdurou até 1975. “Transpondo para literatura essa última experiência de vida, Hernández deixou um testamento que não se perdeu no tempo, mas permanece como meio de expressão tanto artística quanto humana, além de estar preenchido de uma atualidade que impressiona pela força do testemunho.”

Sofia Maria Pires de Melo e Sabrina Sedlmayer se propõem, com base na leitura do capítulo “O esporro” da novela ***Um copo de cólera*** (1978), de Raduan Nassar, a refletir sobre o surto da violência a partir do embate colérico do protagonista com sua companheira. Em ***Vestígios, fotografia e memória em Um copo de cólera, de Raduan Nassar***, o enfoque dado ao capítulo mais extenso da obra destaca que “a verborragia do narrador é marcada pela cólera” e que mediante as lembranças do protagonista “é possível supor que a ferida pungente está na união desfeita, nesse espectro inalcançável. No ritual deturpado que seguiu com sua amante, a lição da prole e do amor que não foi capaz de concretizar, suas ideias fingidas e mal sustentadas. O rastro deixado por essa ferida que dói como carne viva, mesmo que o corte já não exista mais.”

O artigo ***Um estudo de gênero em Niketche: uma história de poligamia***, de Paulina Chiziane, de Satumata Malam Sambu Sanha e Felipe dos Santos Matias, aborda a representação literária e a dominação masculina, destacando a questão da autoria feminina e os problemas históricos e culturais que recaem sobre as mulheres na sociedade moçambicana. A análise dos pesquisadores enfatiza que “a narrativa de Niketche não poupa críticas a algumas práticas tradicionais moçambicanas, as quais discriminam e responsabilizam indevidamente as mulheres, contribuindo para o processo de subalternização feminina.”

Cintia Paula Maciel e Silvana Maria Pessôa de Oliveira assinam o trabalho ***Da atrofia da experiência à impossibilidade do eros***, no qual aproximam a abordagem de Walter Benjamin e Sigmund Freud com o alerta que não se trata de uma correspondência teórica absoluta, mas um diálogo que visa problematizar a questão da [perda da] experiência na sociedade moderna, uma sociedade que projeta a modernização e o progresso com a manutenção de uma visão positiva da guerra e da violência. Benjamin e Freud, enquanto críticos da cultura, “pensaram e elucidaram o caráter traumático da sociedade moderna em que o sujeito se vê cada vez mais bombardeado por estímulos e excitações constantes, as quais o impedem de viver uma temporalidade lenta, fundamental para a constituição do processo mnemônico o que, para o pensamento benjaminiano, culmina na impossibilidade da experiência e, como tentaremos mostrar aqui, na impossibilidade de um encontro genuíno com o Outro.”

Fragmentos e ruínas de um passado libanês: uma análise de A Imensidão íntima dos carneiros à luz do conceito de história de Benjamin, de autoria de Gabriela Maria Hollanda Ferreira de Farias e Márcia Maria Valle Arbex, discute as conexões presentes no

romance do escritor Marcelo Maluf com a emigração libanesa para o Brasil no início do século XX. “A imensidão íntima dos carneiros, romance autofictício, narra a história dos personagens Marcelo e Assaad, neto e avô, frente às memórias, aos segredos e às tragédias familiares. Há, dentre essas recordações, uma que serve como fio condutor narrativo: o assassinato, por soldados turcos, dos irmãos de Assaad, Rafiq e Adib.” As guerras e a violência que marcaram as vidas do avô se tornam um percurso de investigação por parte do neto que se reconhece como uma espécie de historiador que sustenta uma narrativa “composta por fragmentos de vozes alternadas que se deslocam no espaço-tempo (...) revelando os fragmentos de memórias, histórias e segredos de um Líbano dividido [e] revelam as dores da família Maluf, que teve seu caminho marcado pelo medo.”

Fernanda Barboza de Carvalho Nery associa a produção artística à melancolia como forma de resistência ao processo de subalternização. Em **Literatura, melancolia e a resistência à ventania hegemônica**, Nery parte do entendimento de que a melancolia se traduz como uma forma de expressão dos oprimidos para defender que pensar “a tradição dos oprimidos como uma armadilha histórica, construída pelo pensamento hegemônico, que tem tentado subalternizar e afogar a memória dos povos vencidos, ajuda a perceber novas perspectivas acerca do estabelecimento das resistências dos povos que estão à margem.”

Jade Rocha Nobre, em **Futuro e imagem dialética na Ficção Científica**, se propõe a analisar duas obras de ficção científica: *Floresta é o nome do mundo* (The Word for World is Forest), de Ursula K. Le Guin, e *Binti*, de Nnedi Okorafor, sustentando, assim, uma leitura a partir da imagem dialética com base na perspectiva benjaminiana na qual é possível argumentar sobre a interrupção linear da história, propondo sua reconstituição não como ela de fato foi, mas como um vislumbre que reordena o olhar sobre o tempo passado. A autora explica que, “muitas vezes, as obras de Ficção Científica são ambientadas no futuro, de maneira a conferir plausibilidade à narrativa. A ambientação no futuro permite explicar algumas divergências entre o mundo ficcional e o mundo em que vivemos como fruto do desenvolvimento tecnológico e de suas consequências.”

K. Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski: a agonia e o reviver do trauma na literatura brasileira, artigo de autoria de Pâmela Leão Freire e Maria Edinara Leão Moreira que encerra esta edição, tem como proposta realizar uma leitura hermenêutica d'As cartas à destinatária inexistente que integra o romance de Kucinski, abordando as apropriações por parte do escritor do sujeito agônico e do trauma que dialoga com o sentimento de perda que perpassa a narrativa de testemunho. Freire e Moreira destacam “que o elo comunicativo do romance focaliza as relações que se estabelecem entre a interioridade de K., seus pensamentos, memórias e sonhos e o mundo exterior. O autor, na maioria das vezes, assume a voz do pai, um judeu que veio ao Brasil fugido da Polônia, durante a Segunda Guerra. K. se sente culpado pelo desaparecimento da filha e também por não saber no que Ana Rosa estava envolvida, constitui-se então uma personagem que personifica a dor. A falta de proximidade com a filha aumenta a agonia do pai que busca a verdade e, ao mesmo tempo, traz as memórias de um passado que se revela incógnito, pela falta de lembranças dos últimos anos que antecederam o fatídico desaparecimento.”

A equipe editorial da **Revista Eletrônica** agradece a confiança por parte dos pesquisadores e pesquisadoras que submeteram seus textos e autorizaram sua publicação. A divulgação dessas leituras, as retomadas de obras literárias e a apresentação de novas reflexões tendo por base a premissa da opressão e da violência como elementos constitutivos da história sustenta um campo necessário de pesquisa e formação. Esperamos que os leitores desta edição possam inserir novas perspectivas e diálogos produtivos a partir destas abordagens, bem como trazer suas inquietações nas futuras edições da **Literatura e Autoritarismo**.

João Luis Pereira Ourique